

LOURENÇO DIAFÉRIA
O empinador de estrela

Leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Alfredina Nery

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?¹*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

LOURENÇO DIAFÉRIA

O empinador de estrela

Leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Lourenço (Carlos) Diaféria nasceu no bairro do Brás, em São Paulo, em agosto de 1933. Ingressou no Jornalismo em 1955, na antiga *Folha da Manhã*, atualmente *Folha de S. Paulo*. A partir de junho de 1964, foi convidado a assinar no jornal uma crônica semanal, que depois passou a ser diária, sobre o cotidiano do país, especialmente de São Paulo. Foi cronista do *Jornal da Tarde* e do *Diário Popular*. Escreveu crônicas diárias para o programa *Manhã Bandeirantes*, da Rádio Bandeirantes AM, transmitidas às 10h e às 24h. Foi colaborador também de vários órgãos da Imprensa. cursou, sem concluir, dois cursos de Jornalismo: um da Escola de Comunicações e Artes da USP – Universidade de São Paulo e outro da Escola de Jornalismo Cásper Líbero. Escreveu alguns livros

como *Coração corinthiano*, história do Sport Club Corinthians Paulista, a mais popular agremiação esportiva da cidade e o único clube do Brasil fundado por jovens trabalhadores, em 1910. Escreveu também *A caminhada da esperança*, que focaliza a vida da Arquidiocese de São Paulo desde sua criação, no século XVIII, até a atuação do cardeal arcebispo D. Paulo Evaristo Arns, que marcou de forma pioneira e desassombrada a atuação social e religiosa do catolicismo na maior cidade do Brasil. Diaféria faleceu em 2008, deixando aos seus leitores a memória viva de seus textos, um convite para empinar estrelas.

RESENHA

O empinador de estrela é o relato de um menino sobre sua vida cotidiana e sobre os sentimentos

que os acontecimentos lhe despertam. A história é entrelaçada por várias situações – tristes ou divertidas – vividas pela personagem, em que não faltam considerações sobre seus animais preferidos – lagartas e formigas –, além de seu gosto especial por soltar pipa e jogar futebol.

Mas, quando seu pai doente vai tratar-se noutra cidade e a mãe o acompanha, o menino conhece a solidão e o medo de perder quem tanto ama. Por fim, saber que o pai está melhorando e vai poder voltar, enche o coração do menino de alegria e, para expressar tal emoção, empina muito alto seu papagaio em forma de estrela, o que encanta a todos os moradores da cidadezinha.

O empinador de estrela já pode ser considerado um clássico da literatura para jovens. É singelo, carregado de afetividade, entrelaçando a simplicidade e a complexidade da existência humana, vistos pela perspectiva de uma jovem vida. E é através dessa voz de criança que se pode desmistificar a ideia de que a infância e a juventude são necessárias e naturalmente momentos sempre felizes da nossa trajetória. Além disso, o livro configura-se ainda num convite para o leitor também se exercitar na escrita, contando sua história, seu cotidiano, assim como o narrador-personagem o fez.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela.

Palavras-chave: infância, sentimento, cotidiano.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História.

Tema transversal: pluralidade cultural.

Público-alvo: leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

1. Converse com os alunos sobre a infância: do que mais gostavam; o que os entristecia; quais animais tiveram; de quais brincadeiras mais se lembram; de quais amigos etc. Este é um bom momento para introduzir a temática do livro a ser lido, através da memória das próprias vivências dos alunos, quando crianças.

2. Leia com os alunos a seção Autor e Obra e comente como a narrativa ficcional é construída através das memórias do próprio Diaféria, em sua meninice no Brás, bairro da capital paulistana.

3. Analise o título e a capa do livro. Verifique se percebem a ambiguidade sugerida pela palavra “estrela”, que pode ser um tipo de pipa, astro, mas que também pode significar destino, fado.

b) durante a leitura

1. Sugira que anotem, no próprio livro, quais assuntos estão sendo tratados, como, por exemplo: formiga, família, escola, e assim por diante.

2. Peça aos alunos que prestem atenção não apenas na sucessão de episódios, mas também nos sentimentos do menino, em relação nos que vai narrando.

c) depois da leitura

1. A história não é narrada em uma sequência linear: ela é como um fluxo do pensamento do narrador, em que as associações se sucedem ao sabor das lembranças. Problematize esse aspecto, relendo os trechos da primeira página: *Já vou avisando que esta não é uma história inventada. Também não sei direito se chega a ser bem uma história. A gente sempre espera que uma história seja que nem um bicho, tenha cabeça, corpo e rabo. (...) Por isso eu digo: esta história pode não ter cabeça nem rabo, mas tem direção.*

* O que o aluno-leitor pensa disso?

* Ela é mesmo uma história *sem pé nem cabeça*?

2. A doença do pai, sua internação num hospital em outra cidade e a consequente ausência da mãe são fatos nucleares dos sentimentos do menino. De que forma ele vivencia isso tudo? Reflita especialmente a respeito de sua definição de saudade: *O problema é que a distância das pessoas grandes não é bem igual à distância dos guris... essas coisas simples de todos os dias, de que a gente sente saudades quando elas acabam.*

3. A pipa estrela que o menino fez para expressar sua alegria com o fato de o pai estar melhorando obteve reações das mais diferentes pessoas da cidade. Peça aos alunos para enumerarem essas reações e discuta como foi contagiante para todos o significado daquela pipa especial.

4. O garoto escreve um bilhete para o pai, quando este estava no hospital. Imagine que o pai tenha respondido. Como seria o bilhete? Não esquecer que o pai parece um homem pouco dado a falar.

5. Há um momento na história em que o narrador conta o jogo do seu time com o Fâisca de Ouro Futebol Clube. Organize os alunos em grupos para que transformem esse trecho numa narração radiofônica. Depois de terem ensaiado, organize a apresentação para a classe.

6. Quase no final da história, o narrador conta como fez sua pipa, em forma de estrela. Releia esse trecho com a turma e peça para transformá-lo em um texto instrucional, isto é, apresentar passo a passo como se faz uma pipa.

7. A professora Furquim pede para os alunos escreverem: *Vamos contar por escrito as coisas que acontecem todos os dias. O cotidiano de cada um. Mesmo que pareça um fato sem importância [...].* Peça aos alunos da turma para escreverem também sobre algo de seu dia a dia. Depois de lidos entre os colegas, cada um reescreve seu texto, incorporando, se quiser, as sugestões apresentadas, que podem, então, ser reunidas em uma coletânea.

8. Assista com seus alunos à adaptação para o cinema de *Menino Maluquinho*, de Ziraldo, dirigida por Helvecio Ratton e distribuída pela Europa. No filme, o Menino Maluquinho e sua turma se metem em mil e uma confusões, em meio a corridas de carrinho de rolimã e diversas brincadeiras. As coisas se complicam quando o garoto precisa encarar a separação de seus pais. O filme rendeu uma continuação, em 1999: *Menino Maluquinho 2: a Aventura*.

9. Chame a atenção dos alunos para determinados usos expressivos de Diaféria e analise as questões de variação linguística envolvidas:

- expressões metafóricas: *boquinha da noite, picando o tempo, a algazarra sai pela janela, o silêncio senta-se nas carteiras, eu apalpava a falta deles com os olhos;*
 - sinônimos e regionalismos: *pipa, pandorga, papagaio, capucheta, quadrado, peixinhos, canastras, maranhões;*
 - variante linguística regional: *minguinho de gente, turma de tropelia, badernista;*
 - jargão ou palavras e expressões relativas a uma especialidade, no caso, o universo dos empina-dores de pipa: *cortei no prumo, armei o quadro, esbati, armei o estirante, vento de urubu, me devolveu a linha com respeito, ela boiou no azul.*
10. Aproveite o tema do livro e organize uma pesquisa a respeito da infância dos pais de seus alunos. No site do CMU – Centro de Memória da Unicamp, <http://www.centrodememoria.unicamp.br/home.html>, clicando em “Laboratórios História Oral” e depois em “Roteiro”, você encontrará orientações para a coleta dos depoimentos.

DICAS DE LEITURA

▶ do mesmo autor

Brás: sotaques e desmemórias. São Paulo: Boitempo.

Papéis íntimos de um ex-boy assumido. São Paulo: Olho D'Água.

▶ sobre o mesmo assunto

A bolsa amarela, de Lygia Bojunga Nunes. Rio de Janeiro: Casa de Lygia Bojunga.

A terra dos meninos pelados, de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record.

De braços para o alto, de Drauzio Varella. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

O menino no espelho, de Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Record.

